

MUSEUS E ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL

Hilda Bárbara Maia Cezário – Universidade Federal da Bahia.
hbarbaramaia@gmail.com

Joaquim Alves de Oliveira Neto – Universidade Federal da Bahia;
joaquimaoneto@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste trabalho foram colocadas em questão as possibilidades de práticas educativas e de interação em e intra museus, tendo como pauta orientadora os princípios da Economia Solidária. Temos como ponto de partida o entendimento comum de que o movimento da Economia Solidária, como qualquer outro, compartilha de elementos do social, sobretudo de militância, de outros movimentos e setores. Aqui, analisaremos as proximidades entre a prática da Ecosol (Economia Solidária) e as práticas de e em museus.

O Museu Udo Knoff de Azulejaria e Cerâmica vinculado à Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (DIMUS/IPAC), localizado no Centro Histórico de Salvador, optou por utilizar o arcabouço teórico-prático do que vem sendo desenvolvido no âmbito da Economia Solidária para mobilizar a comunidade local a pensar em outras formas de desenvolvimento, a partir das ações promovidas na 13ª Semana de Museus sob o tema “Museus para uma sociedade sustentável” – uma palestra “De que sustentabilidade estamos falando?” e uma Feira de Trocas. O presente artigo apresentará uma análise das ações desenvolvidas, bem como das relações estabelecidas entre a comunidade dos museus da DIMUS/IPAC no processo de criação de uma moeda social¹ e de seus usos, compreendendo o seu papel educativo, tanto pela possibilidade de outra forma de desenvolvimento local, quanto pelo estímulo ao afloramento das relações entre a comunidade e seu patrimônio cultural, sua memória e identidade.

Assim, para fins de pesquisa, este trabalho foi feito com intuito de responder a seguinte questão: seria possível a realização trabalhos sustentáveis, de forma coletiva e cooperada dentro e pelos museus, tendo como princípios os da Economia Solidária? E, em sendo isso possível, como pensar a gestão coletiva como pilar de uma prática sustentável, tendo em vista as estruturas hierárquicas institucionalizadas?

As análises deste trabalho tiveram como base também os elementos de sustentabilidade de Sachs (2002) para verificação prática do aproveitamento racional e ecologicamente sustentável da natureza. Em um quadro de categorias de análise buscou-se, sinteticamente, discorrer sobre as possibilidades de percepção da moeda social como instrumento formador nessa relação Museus e Ecosol.

¹ Moeda Social como sendo “instrumento para o desenvolvimento” (FRANÇA FILHO e SILVA JR, 2009)

Também foram analisadas, sob a metodologia de observação participante, de que maneira podem ter ocorrido as práticas e construção de espaços colaborativos, durante o planejamento, organização e realização da feira de museus. Nesta etapa, foram acompanhadas reuniões de planejamento, organização e condução coletiva das atividades, desde etapas formativas, no que se refere a construção da moeda social “PELÔ”, utilizada como instrumento de troca durante a feira de trocas, até observação da relação institucional, uma vez que todo evento girou em torno da prática colaborativa, enredando diversos atores e grupos sociais (institucionalizados ou não), como por exemplo a Diretoria de Museus (DIMUS), Incubadora Tecnológica de Economia Solidária e Gestão do Desenvolvimento Territorial (ITES/EAUFBA), demais museus do território do centro histórico do Pelourinho e entre outros coletivos de artes, entretenimento e infraestrutura, que colaboraram com as realizações.

Levamos em consideração que os autores participaram do processo de concretização das ações, sendo que um integra a equipe do Museu Udo Knoff de Azulejaria e Cerâmica e participou direta e ativamente do processo, e o outro autor, participou enquanto agente formador no que se refere ao arcabouço teórico-prático da Economia Solidária para a equipe dos museus, oferecendo subsídio para o desenvolvimento das ações.

Os resultados aqui apresentados estão sob a perspectiva participante e também com a análise de envolvimento de público com a construção e realização da feira. Estes resultados foram alcançados via mensuração de trocas de itens e pela análise do processo de desenvolvimento coletivo das atividades para com isso concluir, num primeiro momento, se foi possível a constituição de um ambiente de solidariedade e cooperação, sobretudo no que se refere ao alcance da proposta de praticar uma organização sustentável durante a Semana de Museus, tendo como base os princípios da Ecosol.

Por fim, ainda como resumo de uma conclusão temporária destacamos que através de práticas integrativas como a que será aqui apresentada, é possível traçar caminhos teórico-práticos que contribuam, nesse caso, do ponto de vista da pesquisa, para o fortalecimento da Economia Solidária. Assim, delimitando seu conceito através das práticas, possivelmente teremos um movimento que, como prevê o seu princípio de sustentabilidade, numa interpretação deste trabalho, seja um modo de vida que integra práticas que se propõe como sendo diferenciadas, visando um futuro possível onde a colaboração seja a base das realizações sociais, econômicas e culturais, em contraponto as relações de competição não sustentáveis.

ECONOMIA SOLIDÁRIA E MOEDAS SOCIAIS

A definição sobre Ecosol, cunhada pelo Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) discute uma prática como sendo feita por “trabalhadores e trabalhadores de todos os extratos sociais” (FBES, cirandas. net. Acesso em: 30 de maio de 2015). Esta foi a

conceituação encontrada que mais se adequou a discussão desse trabalho, uma vez que, como já destacado em outro momento, consideramos a comunidade de museus, seus funcionários e apoiadores, como sendo o corpo de atores que vieram a praticar os princípios da Ecosol durante as etapas da Feira de Museus.

Nunca é demais destacar quais os princípios que devem reger as práticas da Ecosol e que foram definidos pelo coletivo do próprio movimento. São eles, o princípio da Autogestão, Cooperação, Viabilidade Econômica e Sustentabilidade. Este último, além de princípio pro movimento, serve também como pano de fundo para diversas práticas denominadas do “social” ou do “econômico sustentável”. De maneira que hoje já se faz notório o desgaste que o termo vem sofrendo desde o ponto de vista teórico, como também de sua relação prática. Ficou de um jeito que tudo é prática sustentável. E, em sendo assim, se passarmos a dizer que tudo é sustentável, podemos dizer então que, numa visão aritmética, ‘nada’ também é sustentabilidade.

Dessa forma, foi analisado neste artigo em que medida os princípios da Ecosol contribuíram para que a realização da Feira Solidária de Museus pudesse ser uma prática que fortalecesse o tema da sua 13ª Semana “Museus para uma sociedade sustentável”.

A fim de apresentar brevemente o contexto das moedas sociais, destacamos que estas, no âmbito do movimento de Ecosol, são instrumentos de estratégia de consumo local e também chamada de “circulante local”. No que se refere as práticas, por exemplo, dos Bancos Comunitários de Desenvolvimento, as moedas sociais são complementares à moeda nacional e tem por objetivo fazer com que o dinheiro circule no território na qual está inserida (INSTITUTO CAPITAL SOCIAL DA AMAZÔNIA, Moedas Sociais – Cartilha 02, p.5).

Para França Filho e Silva Jr (2009) a denominação de “social” se deve ao fato da moeda auxiliar na resolução de problemas econômicos e sociais das comunidades que criam e utiliza essas moedas como instrumento para o seu desenvolvimento. Neste trabalho, por não haver uma inserção da moeda num território de vivências já existente, mas sim num espaço eventual, temos, portanto a configuração de uso da moeda social em eventos. E, utilizando a matriz das dimensões de sustentabilidade de Sachs (2002), apresentada mais a frente no **Quadro 2.**, avaliaremos de que maneira a moeda social “PELO” contribuiu para (re) pensar o desenvolvimento sustentável.



MUSEOLOGIA SOCIAL

Neste tópic, inserimos na discussão da relação entre a prática de Museus e a Economia Solidária, a temática da museologia social que envolve, dentre outros aspectos, as questões de participação popular e identidade cultural.

A museologia social não substitui a prática dos museus tradicionais, estas não desaparecem, até porque ainda são hegemônicas, sobretudo no Ocidente. Assim, o que está proposto neste momento do trabalho é uma exposição dos elementos que subsidiam uma nova prática museológica, refletindo nas mudanças que a instituição museu vem passando.

Segundo Moutinho (1993) o conceito da museologia social carrega uma síntese considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos “condicionalismos da sociedade contemporânea”(MOUTINHO, 1993). Em consonância com isso, ao recorrermos às ancoragens do próprio conceito da Ecosol, encontramos perspectivas similares a essa, pois ao se definir como sendo uma outra forma de se fazer economia, o movimento se propõe, em sua teoria e prática, a romper com alguns pilares que estruturam a construção socioeconômica hoje, e constituir paralelamente um arcabouço de práticas que também esteja condicionada as necessidades da sociedade atual. Em sendo assim, um tema que já se tornou emergente desde a era industrial, mas que se mostrou latente do ponto de vista das discussões apenas a partir da década de 90, é a questão do meio ambiente. E dentro dessa dimensão encontramos o tema da sustentabilidade, princípio do movimento de Ecosol e temática desse novo formato de se pensar os museus.

Neste sentido, as mudanças progressivas de mentalidade que acompanham essa nova forma de museus, se apresentaram, durante a Feira de Trocas Solidárias, de maneira característica e similar aquelas propostas pelos empreendimentos de economia solidária. Os resultados dessa avaliação serão apresentados em outro momento desse trabalho.

METODOLOGIA

Iniciamos esta etapa sobre a metodologia abordando o caráter descritivo da análise deste trabalho. Para tal, foram realizadas observações em momentos específicos do fenômeno analisado, qual seria a “Feira Solidária de Museus”.

A seguir, foram elencados os referidos momentos e os respectivos objetivos de análise.

Momento 1 – Oficina sobre moeda social, realizada entre profissionais vinculados a DIMUS/IPAC e um membro da equipe ITES/EAUFBA;

Momento 2 – Momento de planejamento e construção da moeda social “PELO”;

Momento 3 – Realização da feira;

Momento 4 – Reunião de avaliação.

Nesses quatro momentos buscou-se analisar: 1) relações de ensino/aprendizagem entre membros da comunidade de museus e apoiadores do movimento de Ecosol; 2) prática da decisão coletiva e da autogestão das etapas de planejamento e construção da moeda social; 3) prática da decisão coletiva e da autogestão na operação do planejamento e; 4) percepção dos envolvidos a cerca da prática da cooperação e solidariedade.

As trocas dos itens por moeda social foram planejadas para acontecer nas unidades museais envolvidas com a feira. Assim, a etapa de arrecadação de itens contou com 05 postos de troca: Museu Udo Knoff de Azulejaria e Cerâmica, Museu Tempostal, LabDimus, Solar Ferrão. Nesses pontos, a medida que eram realizadas as trocas, eram também preenchidos questionários contendo questões a cerca do interesse do indivíduo em participar da feira; se as moedas adquiridas seriam doadas ou não; se já haviam participado de outras feiras de trocas, dentre outras indagações que tinham como objetivo caracterizar o perfil daqueles que estavam se predispondo a se envolver nessa empreitada nova, pelo menos, para as instituições de museus vinculados a DIMUS/IPAC.

No tocante a análise quantitativa, os dados colhidos advêm da aplicação dos questionários prévios a feira e dos controles da moeda social “PELÔ” nas transações/trocas realizadas durante a feira. É importante ressaltar que o resultado dessa metodologia, posteriormente apresentado, não tem intenção de mensurar quaisquer níveis de participação dos atores envolvidos, mas apenas dimensionar o alcance da interação ocorrida durante o fenômeno analisado.

Já para a análise qualitativa foram usadas as técnicas de observação-participante durante os momentos destacados no início desse tópico. Através dessas observações e de pequenas entrevistas semi-estruturadas, é que se chegou aos resultados sobre envolvimento da comunidade de museus com a temática da Economia Solidária. Destaque para o fato de que boa parte das observações foi realizada por quem acompanhou o processo desde o início e atuou como membro do coletivo que empreendeu as etapas de planejamento, operação e avaliação da feira. E se, para fins científicos, pensarmos que o envolvimento do pesquisador com o objeto venha a comprometer as análises, aqui consideramos que foi salutar e de grande valia.

Embora estivesse como proposta inicial a construção da moeda social sendo feita entre museus do território do centro histórico no Pelourinho e atores locais (demais organizações, empreendimentos e moradores), as etapas de formação sobre moeda social, assim como da construção da moeda social “PELO”, utilizada como instrumento de troca durante a Feira Solidária de Museus, foram feitas intramuseus. Portanto, quando tratamos de comunidade, é sempre uma referência a também comunidade de museus formada por seus colaboradores e que tiveram envolvimento com o processo de planejamento e realização da feira.

RESULTADOS

Iniciamos esta etapa com uma breve descrição, em números, do que foi a mobilização da feira do ponto de vista das trocas realizadas e do número de participantes, sejam eles organizadores ou não.

O número de questionários aplicados pré-feira, no ato da troca de itens, foi de 81, distribuído pelos cinco postos de arrecadação de itens. Porém, devemos destacar que boa parte das trocas de itens foi realizada pelos próprios membros dos museus, para que servisse como estímulo para trocas de terceiros, como também para que fosse possível gerar um lastro de itens e assim poder distribuir moedas durante a mobilização para a feira. Durante a Feira de Museus, o livro de presença registrou número superior a 300 assinaturas. Mesmo assim, como é comum em eventos grandes, ou até mesmo nas exposições dos museus, parte expressiva dos participantes não registrou presença assinando. Assim, não foi possível para análise deste trabalho, obter um número mais preciso a esse respeito.

Por se tratar de uso de moeda social em eventos, dois pontos são importantes de se destacar. O primeiro é que há, inerentemente, um elemento de curiosidade a respeito do uso da moeda. É diferente interagir em uma relação de troca, tendo como facilitador uma moeda que não a corrente (o real). Apenas 11% dos que responderam ao questionário afirmaram já ter participado de outras feiras de trocas semelhantes à Feira Solidária de Museus.

Do ponto de vista da adesão daqueles que foram até os pontos de troca, não foi possível saber precisamente se também estiveram na feira para ter a experiência do uso da moeda. Contudo, alguns dados indicam que parte significativa daqueles que foram as unidades de museus trocar itens por moeda, também estiveram no momento da feira. Uma das perguntas do questionário era se aqueles que estavam trocando os itens iam ou não ao evento. O quadro a seguir mostra a intenção dos participantes.

Sim, vou à feira (%)	Não, não vou à feira (%)	Talvez (%)
83,3	2,6	14,1

Quadro 1 – Intenção de participação na feira

Um dado interessante e não definidor, vou obtido através de outra questão que objetivava mensurar a intenção dos participantes da troca, em doar ou não suas moedas. Consideramos essa pergunta complementar a descrita acima, pois elas buscam entender o caráter eventual da experiência com a moeda social. A idéia é saber se há uma pura relação de se desfazer do item trocado, ou se há interesse em se envolver com a proposta de outra experiência de troca. Assim, obtivemos, em número absolutos, os seguintes resultados para essa pergunta:

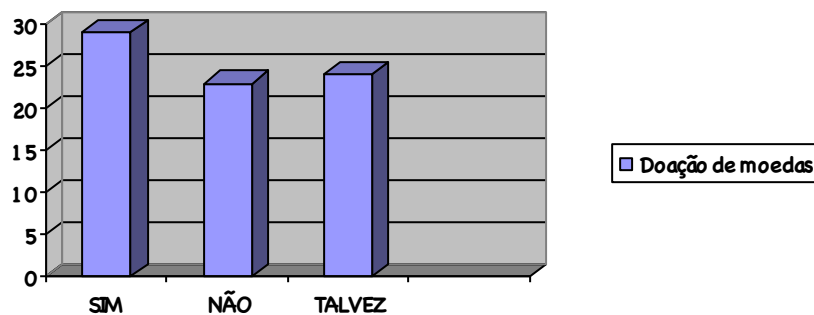
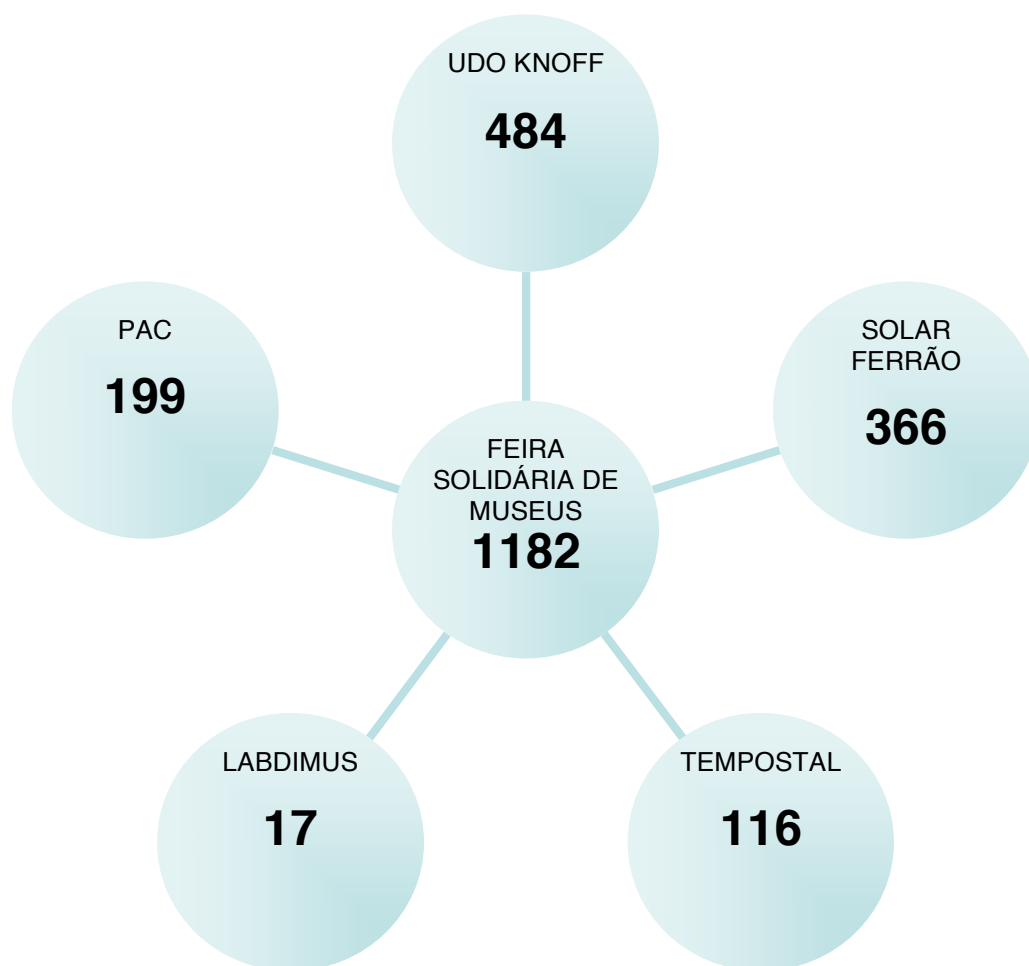


Gráfico 1 – Intenção de doação de moedas sociais

Houve um equilíbrio nas intenções de doação da moeda social, o que pode significar uma intenção de multiplicação de participantes, uma vez que muitas pessoas levaram itens por outras pessoas ou, também com intenção, pretendiam ajudar alguém mais carente doando moedas. O fato é que as trocas aconteceram e em escala inesperada pela organização. Algumas informações sobre o número de trocas de itens serão apresentadas no fluxograma:



Fluxograma 1 – Número de Itens trocados

Para além dos itens trocados pré-feira (Fluxo 1) tivemos as trocas realizadas durante a realização da feira. O número de trocas mensurado pela organização durante a Feira Solidária de Museus foi de mais de 500 itens.

Foram emitidas 1200 “PELÔS”, desses, saíram antes da realização da feira, 1070. E durante a feira foi necessário o retorno de moedas já recebidas em troca de itens para serem emitidas nas transações de novas trocas. Esse fluxo, na observação dos próprios organizadores, foi motivo de surpresa e gozo por ver os resultados de uma ação cooperada suceder bem, na avaliação dos próprios atores-organizadores.

A partir da observação participante durante todo o processo de construção das ações desenvolvidas na 13ª Semana de Museus pelo Museu Udo Knoff de Azulejaria e Cerâmica, destacamos os seguintes pontos: 1) a iniciativa da equipe do museu na proposição da Economia Solidária como algo pertinente para o desenvolvimento de ações sob o tema da 13ª Semana de Museus “Museus para uma sociedade sustentável”; 2) o processo de sedução conduzido pela equipe do museu junto às demais unidades da Diretoria de Museus, e posteriormente, por este coletivo maior junto à própria comunidade local, convidando-os para as ações e abordando a necessidade da cooperação e solidariedade para uma sociedade sustentável; 3) a possibilidade de construção coletiva e horizontal de um grupo organizador das ações no interior da DIMUS/IPAC, ainda que houvesse disparidade na ocupação funcional dos membros deste grupo no quadro hierárquico da instituição, bem como, o desapego à unilateralidade de direcionamentos, muito ocorrente e geralmente atribuída à pessoa/setor proponente de um determinado projeto; 4) a proposta de continuidade de ações com “gestão coletiva” no interior da DIMUS/IPAC.

Detalhando estes pontos,

A proposta inicial da equipe do museu sobre a temática da Economia Solidária não tinha clareza dos princípios teórico metodológicos que a Ecosol propõe, referia-se apenas a uma ação prática a ser desenvolvida junto a comunidade local sobre esta outra possibilidade para pensar na sustentabilidade da própria comunidade. Assim se deu a primeira parceria com a ITES /EAUFA para a compreensão da equipe do que exatamente gostariam de que fosse trabalhado. A partir disso, a ação prática proposta inicialmente como uma oficina se desdobrou em uma Palestra e uma Feira de Trocas.

A palestra assumida por técnicos da ITES e a Feira de Trocas, assumida pela equipe do Museu, mas com a consciência da necessidade de compreensão e apropriação dos conceitos básicos para o desenvolvimento desta e para a criação e uso de uma moeda social. Além disso, no processo de construção ainda em seu início, discutia-se o porte desta Feira. Neste momento a proposta foi levada à Diretoria de Museus e às demais unidades vinculadas à esta no Pelourinho, e iniciou-se um processo de sedução com relação à proposta, e conforme outras unidades, setores e pessoas agregavam à proposta inicial, esta ganhava nova proporção, bem como, a constituição de um grupo.

Após a formação deste grupo organizador no interior da comunidade de museus da Dimus, deu-se início a primeira etapa do projeto com um encontro formativo sobre Economia Solidária e Moedas Sociais. A partir desta compreensão, o grupo iniciou o processo de construção coletiva da Feira de Trocas, desde a definição de qual instrumento de troca usariam, a criação da moeda social definida, como seria efetivada ad trocas e quem se responsabilizaria por cada atividade a ser desenvolvida na Feira - ações culturais e educativas além das barracas de trocas.

Para a concretização das ações, o grupo buscou apoio e formação de parcerias para além da Dimus, e na ausência de recursos financeiros, a equipe definiu um plano para a concretização das ações, com base no desenvolvimento de mais parcerias e o engajamento de todos um processo solidário.

Como resultado dessa pesquisa em Ecosol considerou-se que: 1) Sim, houve construção coletiva e cooperada durante as atividades de construção e realização da Feira Solidária de Museus; 2) Houve mudança no modo de operação hierárquica institucional, mesmo que em caráter *ad hoc*. E no tocante as dimensões de sustentabilidade analisadas sob o uso da moeda social “PELÔ”, temos como síntese o quadro de análise abaixo, como sendo uma breve categorização das dimensões e suas respectivas práticas na Feira Solidária de Museus.

Dimensões de sustentabilidade (SACHS, 2000)	Função da moeda “PELO”
Social	Reflexão da imbricação do social no econômico
Econômica	Percepção do valor de uso e valor de troca
Ecológica	Ampliação do conceito de sustentabilidade para além da reciclagem
Espacial	Museus com utilidade social visando o território
Cultural	Mudança progressista da mentalidade museal
Política	Prática dialética na relação institucional

Quadro 2 – Dimensões de sustentabilidade “PELÔ”

Assim, avaliamos que do ponto de vista da dimensão social, o uso da moeda contribuiu para refletir, desde sua construção, até o seu uso na feira, sobre a perspectiva da indivisibilidade da dimensão econômica com a social. A reflexão sobre o valor de uso e o valor de troca se estabelece na prática na forma como se organizam as trocas na feira: 01 item x 01 moeda (“PELÔ”). Ecologicamente, refletiu-se em conjunto sobre a falácia de que sustentabilidade seria somente as práticas de reciclagem, comumente pensadas ao falar no tema. A intenção de trabalhar o território na intenção de mobilização dos museus foi um

elemento que contemplou a dimensão espacial. A adesão de atores locais e as respectivas contribuições para realização da feira são demonstrações dos elos que se formaram a partir da construção dessa atividade. Culturalmente, como já vem sendo objeto da museologia social, temos a mudança de paradigma do que seria a instituição museal tradicional e do que pode vir a ser. Talvez nesse ponto temos uma incongruência entre a prática e a institucionalização, pois, do ponto de vista da comunidade de museus, há vontade de realização cooperada e de forma solidária e configurou-se como potencial empecilho, as relações hierárquicas pré-estabelecidas organizacionalmente. Por fim, ainda nesse aspecto, podemos perceber como se deu o impacto na dimensão política, pois ao se propor como sendo autogestionada, a organização da Feira Solidária de Museus confronta, sob os princípios da cooperação e solidariedade, acabou contribuindo, mesmo que momentaneamente, para uma mudança de paradigma que poderá futuramente gerar resultados produtivos para mudanças paradigmáticas das organizações e instituições envolvidas.

Com isso, esse trabalho pretendeu contribuir, ao registrar e avaliar essa experiência, servindo de base para outras propostas de ação nesse sentido e de acúmulo de conhecimento livre, tanto para a comunidade de museus, quanto para o movimento de Ecosol e para qualquer outro grupo interessado em minar as formas de relação social baseadas em princípios não sustentáveis e substituí-los por outros que sustentem a reprodução da vida.

REFERÊNCIAS

SACHS, Ignacy. 2002. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Rio de Janeiro : Garamond, 2002.

MOUTINHO, Mário. 1993. **Sobre o conceito de Museologia Social**. Cadernos de Museologia nº 1 – 1993.

FRANÇA FILHO, Genauto. **Moedas sociais e territórios na experiência dos BCDs do Brasil**. Local: XVIII Congresso Internacional da Alas, 2011.